

Os feminicídios, parte da quarta guerra mundial

Em 14 de agosto, a página desinformemonos.org advertia sobre os 31 femicídios registrados em Querétaro desde janeiro de 2015, com um breve e chocante relato.

“Jogos, sonhos, escola, amigos, família, aniversários, viagens, segurança, liberdade, dignidade e vida deixaram de ser direitos e tornaram-se vergonhosos, intoleráveis e infelizmente, benefícios que se adquirem quando se ‘modera’ a maneira de falar, quando se ‘cuida’ da maneira de vestir, dos horários de saída, dos lugares freqüentados, quando se deixa de confiar nas pessoas e quando a vida deixa de ser sua vida.”

O artigo destaca que os feminicídios são claramente violência de Estado, denuncia a impunidade que os veste e incentiva a repetição dos danos, e destaca que a maioria das vítimas tende a ser indígena e mulheres pobres.

A informação se refere diretamente ao livro de Silvia Federici, *Calibán y la bruja: mujeres, cuerpo y acumulación originaria* (Traficantes de Sueños, 2010). Um trabalho de influência duradoura, que contribui para iluminar a realidade permitindo uma melhor compreensão de um conflito social. Analisa a caça às bruxas na sociedade medieval e, ao mesmo tempo, contribui para a compreensão do que acontece neste período da história.

Federici argumenta que o feudalismo foi corroído pelo poder e autonomia alcançados pelas classes populares, e que a resposta das classes dominantes foi uma ofensiva violenta que lançou as bases do capitalismo. A escravidão e o colonialismo, a subjugação dos trabalhadores na produção e o confinamento das mulheres na reprodução, a criação de hierarquias de raça,

gênero e idade, faziam parte desta nova dominação.

O capitalismo chegou não só pingando sangue e lama da cabeça aos pés (Marx), mas criando um imenso campo de concentração, onde a escravidão nas plantações e a mita nas minas lançam a acumulação de capital (Federici, p. 91). O poder das mulheres foi destruído pela caça às bruxas, e os homens (e mulheres, meninos e meninas) foram subjugados pela escravidão assalariada e escravidão aos bens comuns apropriados.

Hoje estamos atravessando a crise do capitalismo e a classe dominante está mais uma vez usando a violência para se perpetuar. Na base desta crise está o poder adquirido pelos setores populares organizados em movimentos, particularmente desde a década de 1960, quando os trabalhadores das fábricas desarticularam o poder dos patrões, transbordando a disciplina fordista.

A atual ofensiva do capital busca destruir essa capacidade de organização e luta dos que estão na base. Mas o mundo popular de hoje é muito diferente do de ontem, especialmente por causa da crise do antigo patriarcado. Quem conhece os movimentos anti-sistêmicos sabe que as mulheres desempenham um papel central, embora não sejam tão visíveis como os homens. Eles são a argamassa da vida coletiva, estão encarregados de reproduzir a vida e os movimentos. Além de cozinhar, tecer e cuidar dos animais em suas casas, elas se reúnem com outras mulheres para fazer o mesmo, mas coletivamente. Eles são as guardiãs dos bens comuns, materiais e imateriais.

Eles, e seus filhos e filhas, são os sustentáculos do mundo popular, de famílias e organizações estendidas, de comunidades urbanas a comunidades camponesas e indígenas, de Chiapas e Cherán a Wall Mapu e Andes. Não é por acaso que estamos diante de uma nova caça às bruxas, quando a reprodução ocupa um lugar tão importante na resistência e no poder das mulheres, com suas comunidades.

As mulheres, e suas filhas e filhos, desmantelaram a família nuclear patriarcal, o poder da Igreja e do sacerdote, o papel disciplinador da escola, o quartel, o hospital e a oficina. Criaram um mundo onde as relações colectivas prevalecem sobre as relações familiares e a cooperação entre elas faz da divisão sexual do trabalho uma fonte de poder e protecção para as mulheres, como escreve Federici sobre a sociedade medieval (p. 41). Prestar atenção ao que está a acontecer num tianguis, numa cantina ou num bairro popular torna desnecessários mais comentários.

A violência para aniquilar os setores populares, através do narcotráfico, do feminicídio e das guerras contra os povos, foi desenhada pelas classes dominantes para destruir nossos poderes. Não apenas as explícitas. Federici nos lembra que os trabalhadores do século XV tentaram múltiplas resistências: pararam de trabalhar quando estavam fartos, aceitaram tarefas apenas por um tempo limitado, vestiram-se ostensivamente, de modo que não se distinguiam dos senhores (p. 78).

A nova caça às bruxas, agora sem julgamentos ou formalidades, mas com uma bala limpa, faz parte da quarta guerra mundial do capital para nos eliminar como povos. Para triunfar na luta de classes, a burguesia deve destruir a autonomia dos povos, comunidades e indivíduos; a violência e as políticas sociais são, nesse sentido, complementares. O ataque às mulheres e seus filhos é um dos nós desta guerra.

Como nos primórdios do sistema, na sua decadência, a violência é mais uma vez o principal agente da acumulação de capital. Longe de qualquer ilusão, devemos entender que a violência não é um erro nem um desvio momentâneo, mas uma característica sistêmica do capitalismo decadente, particularmente em áreas onde a dignidade do ser humano não é reconhecida.

Por isso, é urgente elucidar estratégias para enfrentar a violência sistêmica e a vontade de aniquilar os povos. Se o feminicídio e o assassinato indiscriminado de jovens e

mulheres são sistêmicos, qual é o sentido de escolher governos de diferentes países que mantenham o sistema em pé?

Original: [La Jornada](#)